

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

FRANCIELLE DA CONCEIÇÃO MARTINS RAMOS

O TRAJETO DOS AMORES:

O caminho variável e complexo das relações românticas

Produto Jornalístico

Mariana

2017

FRANCIELLE DA CONCEIÇÃO MARTINS RAMOS

O TRAJETO DOS AMORES:

o caminho variável e complexo das relações românticas

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. José Benedito Donadon-Leal

Mariana

2017

R175t Ramos, Francielle da Conceição Martins

O trajeto dos amores [recurso eletrônico] : o caminho variável e complexo das relações românticas / Francielle da Conceição Martins Ramos.-Mariana, MG, 2017.

1 CD-ROM; 4 3/4 pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social - DECSO/ICSA/UFOP

1. Literatura Brasileira - Crônicas - Teses. 2. MEM.
3. Monografia. I.Donadon-Leal, José Benedito. II.Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 821.134.3(81)

: 15

: 1419060

Francielle da Conceição Martins Ramos

Curso de Jornalismo – UFOP

O TRAJETO DOS AMORES:

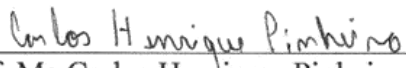
O CAMINHO VARIÁVEL E COMPLEXO DAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. José Benedito Donadon-Leal.

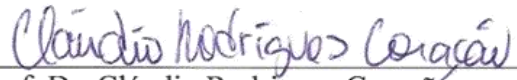
Banca Examinadora:



Prof. Dr. José Benedito Donadon-Leal



Prof. Me Carlos Henrique Pinheiro



Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração

Mariana, 1º de setembro de 2017.

Aos seres dotados de coragem e força para seguir amando e amando, mesmo com as dificuldades. Graças a essa coragem, esse trabalho foi possível. Sem esse amor, que transcende barreiras, meus olhos estariam nus e não haveria palavras capazes de preencher nenhuma página.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me iluminar e abençoar sempre. Sem Ele nada seria possível.

À minha família, pelo apoio e auxílio. Sem vocês toda a caminhada teria sido mais difícil. Obrigada pela compreensão e carinho.

Aos queridos amigos, em especial Agliene, Flávio, Giselle, Priscila, Rodrigo, Rosana, Tainara e William, pela paciência, companheirismo e inúmeros desejos de um trabalho bem feito. Alguns de vocês foram leitores fieis e críticos, me ajudando a melhorar. Obrigada por acreditarem em mim.

Aos professores que eu tive a oportunidade de conhecer e receber inúmeros ensinamentos. Em especial, ao meu orientador José Benedito por aceitar me acompanhar nessa jornada. Seu olhar sensível sob o meu trabalho me impulsionou a não desistir daquilo que eu acreditava. E seus ensinamentos e conselhos foram de grande ajuda.

E às demais pessoas que cruzaram o meu caminho. Vocês me inspiraram e inspiram todos os dias. Sem vocês a construção de cada história não se concretizaria.

“The distance is nothing when one has a motive.”

Jane Austen

RESUMO

O presente produto tem por objetivo apresentar histórias de amor e vida, que passam por algum tipo de rejeição. O trabalho revela a importância de falar de um assunto tão natural da sociedade, mas que pode sofrer prejulgamento. Um estudo acerca da teoria do amor foi feito, com a intenção de demonstrar o que pode ser esse sentimento. A utilização da crônica em forma de carta aparece como aliada para evidenciar cada narrativa de uma forma mais intimista e sensível.

Palavras-chave: Amor; Amante; Amado; Crônica; Carta.

ABSTRACT

The present product aims to present stories of love and life, which go through some kind of rejection. The work reveals the importance of talking about a subject so natural to society, but it can suffer prejudice. A study of the theory of love has been made, with the intention of demonstrating what that feeling may be. The use of the chronicle in the form of a letter appears as an ally to highlight each narrative in a more intimate and sensitive.

Keywords: Love; Lover; Beloved; Chronic; Letter.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A TEORIA DO AMOR	11
2.1 Uma definição.....	11
2.2 Amor, ainda mais.....	15
3. O MÉTODO	17
3.1 A crônica	17
3.2 Olhar cronista.....	18
4. AS PRÁTICAS DE AMOR	19
4.1 As cartas	19
4.2 Amante e amado	20
4.3 Os amores	22
5. O LIVRO	23
5.1 Organização.....	23
5.2 Diagramação e Arte	23
5.3 Conteúdo	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

É incontestável a admiração de grande parte da sociedade pelo amor. Mas sabemos que para muitas pessoas não é qualquer amor que atrai simpatia. São anos e mais anos de estudos e escritos sobre o amor. Podemos procurar na internet, nas bibliotecas, e sempre encontraremos alguma coisa que fala de amor. Poemas, contos, histórias, estudos. São inúmeras as formas em que encontraremos o amor evidenciado. Mas como pode uma coisa tão falada e admirada ser um problema? Como uma coisa tão bonita pode causar aversão? Pensando bem não seria muito difícil de responder, mas o meu encanto pelo amor não me permite aceitar a resposta. Ainda levará muito tempo para que a aversão se dissipe, se um dia ela realmente acabar. Mas é melhor ser positiva e pensar que esse tempo vai ser curto. Afinal, o amor já fez pessoas vibrarem e lutarem. Talvez ele também possa acalmar o sentimento ruim e, pelo menos, se fazer respeitar. Seria o mínimo para uma boa convivência em sociedade.

Agora devo organizar o questionamento, buscando um entendimento maior. É fácil falar o quanto o amor é bonito de se ver, sentir e apreciar. Mas o que é esse sentimento complexo, que causa sensações e até sentimentos ruins? Independente de quantas vezes acontecer o amor (para quem acredita que ele pode acontecer mais de uma vez), há de observar experiências únicas, em diferentes momentos e resultados, para entender que o amor, tem muito que dizer e quando está presente na vida de uma pessoa a transforma. “Então perguntamos: o amor é isso? Sim, mas não só isso. É muito mais.” (FERREIRA, 2004, p. 8). E é esse “muito mais” que procuro encontrar através das histórias, que muito terão o que dizer através das palavras dos amantes. Porque como Giddens fala “O ‘primeiro olhar’ é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém, digamos assim, ‘completa’”. (1993, p. 51). Completa? Entender através das histórias cotidianas dos amantes se realmente existe essa completude, se há uma duração, se isso varia, entre tantas outras coisas que rodeiam a definição de amor.

Bauman (2004) fala fragilidade das relações, de como as pessoas cada vez mais amam com menor intensidade. Mas ele também fala do futuro de determinada relação, de como é difícil se abrir ao destino misterioso. “Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor.” (p.21) Como praticar essa liberdade de amar? Como estar com o amado sem se

lembrar das inúmeras vezes que o seu amor foi posto a prova por comentários e olhares alheios? Aí está a importância de se falar de amor. Além de conhecer a história do outro, falar de amor é compreender as diversidades e respeitá-las. A sociedade acostumou-se a criar um modelo ideal para as relações e não parou para pensar que quando falamos de seres humanos, tanta coisa é possível. Cada um tem sua particularidade e vive sua vida como assim acha melhor.

Assim, organizo o memorial de uma maneira a seguir um trajeto até o produto. Apresento um capítulo sobre a teoria do amor, dividido em dois momentos. Trago uma definição do que pode ser o amor e, em seguida busco aproximar outros entendimentos sobre o amor do que é o amor nas minhas crônicas/cartas. Depois trago uma discussão sobre o método utilizado para moldar o meu livro, no caso sobre as crônicas e o olhar cronista. No quarto capítulo falo das práticas de amor, primeiramente fazendo um apanhado sobre as cartas. Nesse mesmo capítulo sigo analisando o amor no meu produto, ao falar de amante e amado e sobre os outros tipos de amores. No capítulo seguinte falo de toda organização do livro, desde sua estrutura, as escolhas de arte e até o conteúdo. Com tudo isso, procuro trazer um memorial que descreva um pouco dos processos de pensar e fazer o produto.

2. A TEORIA DO AMOR

2.1.Uma definição

O amor não é novidade e há muito tempo já vem sendo debatido. Sejam em livros, filmes, telenovelas, redes sociais, no bar. O mundo quer entender o que é, quer discutir, impor significados e vivê-lo. Mas o que é o amor? Sponville em *Apresentação da filosofia* fala como é interessante discutir o amor e entende a sua multiplicidade, uma vez que é possível amar várias coisas: o poder, o dinheiro, os amigos, o homem, a mulher, os pais, os filhos, o próximo, a Deus. Ele atenta para o fato dessa multiplicidade causar confusão e ilusões:

Acaso sabemos do que falamos, quando falamos de amor? Não é que muitas vezes aproveitamos o equívoco da palavra para esconder ou enfeitar amores equívocos, quero dizer, egoístas ou narcísicos, para iludir a nós mesmos, para fingir amar outra coisa que nós mesmos, para mascarar – muito mais que para corrigir – nossos erros

ou nossos desacertos? O amor agrada a todos. Isso, que é mais compreensível, deveria nos levar à vigilância. O amor à verdade deve acompanhar o amor ao amor, iluminá-lo, guiá-lo, mesmo que seja necessário moderar, talvez, seu entusiasmo. (SPONVILLE, 2002, p. 39).

Para facilitar o entendimento sobre esses amores diversos, Sponville cita nomes diferentes para amores diferentes. Então ele cita três nomes gregos para o amor: *eros*, *philia*, *ágape*. Platão falou de Eros em *O Banquete*, ao discursar sobre o amor com sete interlocutores: Fedro, Pausânias, Erixímaco, Aristófanes, Agatão, Sócrates e Alcebiades. “O que é *eros*? É a carência, e é a paixão amorosa.” (SPONVILLE, 2002, p. 40). Por meio da fala de Fedro, Platão diz que nada pode fazer tão bem como o amor, que um homem que ama se sentiria mal se fosse pego pela pessoa amada fazendo algo errado, assim o amor inspira os amantes a fazerem coisas boas. Que amamos e desejamos aquilo que não temos e nos faz falta. Através de Sócrates, ele relata que Eros seria um mediador entre os deuses e os homens, assim como Eros não seria belo nem feio, nem bom, nem mal.

Sponville questiona que o *Eros* é um amor que quer possuir, conservar, que precisa amar aquilo que não tem ou já não ama e que assim haveria sofrimento e chateação, então não seria um amor feliz. “Às vezes também amamos aquilo o que não nos faz falta – às vezes amamos o que temos, o que fizemos, o que é, e gozamos alegremente, sim, gozamos o que não nos falta e nos regozijamos com isso!” (SPONVILLE, 2002, p. 40). Ele associa isso à *philia*, como chamavam os gregos, um amor feliz, que gozamos e nos dá alegria, a felicidade dos casais e dos amigos. E *philia* costuma ser traduzida como amizade. Mas essa amizade “não exclui nem o desejo (...), nem a paixão (...), nem a família (...), nem a tão perturbadora e tão preciosa intimidade dos amantes...” (SPONVILLE, 2002, p.41). Como ele fala, essa amizade não é apenas aquele desejo de amar o outro para o nosso próprio bem. É o prazer de também dar prazer e fazer o bem ao outro.

Ainda há *ágape*, que Sponville explica que surgiu mais tardiamente e diferente de *eros* e *philia*, que se baseavam na paixão e na amizade. Esse terceiro amor estaria mais próximo da “caridade”. “De que se trata? Do amor ao próximo, na medida em que dele formos capazes: do amor a quem nem nos faz falta, nem nos faz bem (...).” (SPONVILLE, 2002, p. 43).

Esses “tipos” de amores preenchem as vidas dos amantes. E se não pensarmos em um “nome” específico para defini-lo, ainda teremos a sua descrição. “Quando se é surpreendido pelo amor, o cotidiano se transforma e tudo que cerca a vida do amante adquire novos sentidos.” (FERREIRA, 2004, p. 8).

Para melhor entender o que “pode” ser o amor, o olhar sobre diferentes campos de estudo é interessante. Pensando na psicanálise como um campo que estuda e tenta entender como funciona a mente humana, olhar para o amor através dela pode ser de ajuda para entender as relações humanas e esse sentimento tão debatido. Nádya Ferreira, em *A teoria do amor na psicanálise* (2004), procura evidenciar como nos comportamos diante dessas relações amorosas, destacando como o amor pode ser muito mais daquilo que imaginamos, muito além de uma plenitude a ser alcançada.

O interessante vem logo na introdução quando ela fala que “Amar é um acontecimento que não se esquece.” (p.8). Ela explica que várias fantasias são criadas e que sempre vai ter a dúvida do motivo de sermos amados e o porquê de amarmos alguém. E no momento em que o amante revela o seu amor ficamos surpresos ao saber o que levou aquela pessoa a nos amar, porque é difícil de imaginar que somos amados por determinado motivo. A partir daí, dessa impossibilidade de saber tudo, surge o desejo de saber ainda mais. “Quando menos esperamos, somos capturados por algo que acelera a batida de nosso coração e arrebatamos o mais íntimo de nosso ser.” (p.8).

Ferreira fala do amor numa relação de aceitação das meias-verdades e do amar no encontro de toda a verdade. E que isso vai depender muito da castração, que seria a inserção do real como representante do impossível na estrutura psíquica do processo de humanização do ser, que ainda conta com o simbólico e o imaginário. “O paradoxo do amor reside no fato de o que falta ao amante é precisamente o que o amado também não tem.” (p.10). O que falta é o objeto de desejo. E se ele existisse e alguém o achasse, teriam encontrado o “verdadeiro amor”. Ela diz que essa versão do amor, da procura pelo “todo”, influenciou e influencia diretamente os mitos do amor, a esperança da “alma gêmea”. E também diz que a falta desse objeto em especial não apaga que existem outros objetos capazes de causar o desejo. Só que nenhum deles seria “aquele”, capaz de conduzir a felicidade. E se ele não existe, o desejo não pode ser realizado. Então, Ferreira (2004) completa dizendo que “o destino do homem é ser desejante e amar na lógica do não - todo.” (p.11). E ainda diz que “A psicanálise nos ensina que o amor não elimina nem a falta, porque ela faz parte da constituição do aparelho psíquico (subjetividade), nem o desconforto do homem no mundo.” (p.11).

Pensando no desejo, o amor vai se ligar à falta e não ao sexo. Ferreira diz que amor e desejo sexual são diferentes, mas não exclusivos. Um objeto pode ser amado e cobiçado sexualmente. Mas quando se ama o que está em cena é a suposição de um ser no outro e, quando se deseja sexualmente é o outro tido como objeto. “Não é por acaso que os poetas tanto falaram do olhar como sendo a causa de um desejo ardente, cujas metáforas se

constroem em torno da figura de uma chama que arde, queima, abrasa, ulcera, atormenta, enlouquece...” (p.12).

E o olhar em muito auxilia nesse encontro com o ser amado. Podemos ver em diversos romances, que o primeiro olhar é causador da perdição, do amor enlouquecedor. A “beleza” aparece como assessora do desencadeamento do sentimento intenso. Mas devemos notar a beleza como algo variável, porque cada ser enxerga de uma forma. Então podemos dar créditos aos olhos, que podem ser culpados pelo início de muitas coisas boas, e até ruins. Como exemplo, temos *Romeu e Julieta*, peça de Shakespeare. Os amantes se sentem mutuamente atraídos e são despertados pelo amor.

Pensando mais na contemporaneidade, em *A arte de amar* (2015), Erich Fromm enuncia algo assim, ao falar da emoção do ser humano ao comprar ou olhar vitrines. Ele relaciona isso com o olhar para o outro. O homem, ou a mulher, busca um par atraente, que seria como uma recompensa repleta de qualidades. “O que torna especificamente uma pessoa atraente depende da moda da época, tanto do ponto de vista físico como mental.” (p.3). E com isso, Fromm vai dizer que é um erro pensar que não há nada a aprender sobre o amor. Ele coloca uma diferença entre a experiência de “se apaixonar” e o “permanecer amando”. Dois estranhos se permitem se amarem e se aproximam, aparece então o momento do estímulo, da grande emoção de viver aquilo. Com isso surge a intimidade, a relação sexual. Só que para Fromm esse amor não é duradouro. “As duas pessoas passam a conhecer bem, sua intimidade vai perdendo seu caráter milagroso, até que os antagonismos entre elas, suas decepções, seu aborrecimento mútuo, matam o que restou da excitação inicial.” (p.5). Entendendo que os amantes não têm essa consciência assim que se conhecem, o fracasso posterior não pode ser evitado. E só resta analisar os motivos desse fracasso, entendendo o significado do amar. Por isso, Fromm sugere que o amor é como a arte e deve ser aprendida como as demais, conhecendo a teoria e a prática.

“O homem, em todas as eras e culturas, vê-se sempre diante do mesmo problema: como superar o estado de separação, como alcançar a união, como transcender sua vida individual e encontrar a reconciliação.” (p. 12). E Fromm diz que essa busca é natural para qualquer tipo de povos, e que as respostas para ela variam, dependendo da individualização de cada pessoa. Ele diz que ela pode ser buscada por meio do trabalho obsessivo, na criação artística, na adoração de animais, no amor a Deus e no amor ao homem.

E o que destacamos é a busca da felicidade, ou da melhoria, através do amor. O amor, muito discutido e teorizado, vai apresentar muitas definições, já mostrado aqui. Podemos enxergar o amor também na literatura. Um exemplo é *Orgulho e Preconceito*, romance da

britânica Jane Austen, terminado em 1797 e publicado pela primeira vez em 1813, e nele enxergamos o amor. Mas no romance não nos é mostrado um amor “à primeira vista”, acompanhado de um desejo ardente. O casal protagonista, Elizabeth e Mr. Darcy, se conhecem e não há sinal de intenso desejo, ao contrário, inicialmente eles guardam do outro uma visão repleta de preconceitos e intolerância. O amor é mostrado com cuidado e aos poucos. Eles se dizem amantes depois de muito tempo, depois de conhecer melhor o outro e passar por diversos conflitos. Com essa pequena análise busco entender essa visão do amor, por meio da história escrita por Jane Austen. Ela coloca sua própria visão do que seria o amor, ao mostrar o trajeto do amor de Elizabeth e Mr. Darcy. Assim como também faz em outros romances, de forma igual e distinta. O amor assume aquilo que é, uma imensidão de possibilidades.

2.2. Amor, ainda mais

A ideia de que o amor está por aí, repleto de particularidades e complexidades, e que não anda sozinho, faz com que olhemos ainda mais esses detalhes, que acompanham a vida de quem ama. A plenitude do amor é desejada e aparece nas enunciações dos personagens das histórias do meu produto, mas junto também aparecem todos aquelas entrelinhas que acompanham as relações em sociedade. Porque amar por amar não é simples, o amor é cercado de inúmeros outros sentimentos e interferências.

A prática se faz variável, se comparada com a teoria do amor. Surge um embate com a conhecida frase que acompanha a definição de amor romântico “até que a morte nos separe”. Bauman vai questionar isso em *Amor líquido*, ao enunciar os casos de pessoas “vulneráveis” ao amor. Ele sugere o banimento do significado do amor de ser para sempre, mas fala da queda do “padrão” do amor, que a pessoas passam a definir como amor experiências mais amplas. “Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’”. (2003, p.19). Devido a toda essa expansão dos significados do amor, causa um entendimento de que amar seria uma habilidade que pode ser adquirida e que o domínio pode aumentar a prática e crescer com as experiências. Mas Bauman fala que é novamente uma ilusão.

Enquanto vive, o amor paira à beira do malogro. Dissolve seu passado à medida que prossegue. Não deixa trincheiras onde possa buscar abrigo em caso de emergência. E não sabe o que o futuro pode trazer. Nunca terá confiança suficiente para dispersar as nuvens e abafar a ansiedade. O amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável. (...) As promessas de amor são, dia de regra, menos ambíguas do que

suas dádivas. Assim, a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar. E o fascínio da procura de uma rosa sem espinhos nunca está muito longe, e é sempre difícil de resistir. (BAUMAN, 2003, p. 23)

Então o amor seria isso, muito mais que podemos entender na teoria. Por exemplo, no meu livro, o amor vai assumir uma imensidão. Vai se mostrar regado de fé e esperanças, mas vai se fazer entender também como incerto. Porque quem pratica o amor, nesse caso, são seres humanos dotados de incertezas e defeitos. “Dizer que o amor é uma orientação que se refere a tudo e não a uma só pessoa não implica, porém, a ideia de que não há diferenças entre os vários tipos de amor, os quais dependem do tipo de objeto amado.” (FROMM, 2015, p. 58). Surgirá assim entre o amor central, o amor romântico, também os amores fraterno, materno, a si mesmo, a Deus. Esses diversos amores são intensos e diferentes entre si. Eles não são condicionados pelos outros, mas costumam estimular e potencializar outros amores. O fato é que o amor romântico não vai aparecer sozinho. Ele se faz protagonista, mas não assume o papel de único estimulador de vida.

3. O MÉTODO

3.1. A crônica

Entender através das histórias cotidianas dos amantes se realmente existe essa completude, se há uma duração, se isso varia, entre tantas outras coisas que rodeiam a definição de amor, o livro de crônicas, é uma relevante construção. E para capturar essas experiências e histórias, através das palavras dos amantes, das suas memórias e perspectivas sobre o amado e sobre aquilo vivido (e talvez ainda vivenciado), fruto da observação do cotidiano, daquilo que acontece na nossa frente, o livro se moldura. E a crônica assume um papel já enunciado por Jorge Pedro Sousa (2001) ao definir o gênero:

Uma crônica também pode ser um espaço periódico ou ocasional onde o autor discorre criativamente sobre um determinado acontecimento ou assunto da atualidade, onde conta uma história ou onde fala de fatos curiosos. Neste segundo sentido, a palavra crônica designa um gênero jornalístico criativo, o gênero jornalístico que mais se pode aproximar da literatura, independentemente da periodicidade com que o cronista é publicado. Deste ponto de vista, não é o caráter

de regularidade na publicação que caracteriza a crônica enquanto gênero jornalístico. Este segundo tipo de crônica jornalística resulta da intercepção da subjetividade com as impressões e a criatividade de um cronista. Desta forma, este tipo de crônica estabelece fronteiras mais precisas com outros gêneros jornalísticos que lhe possam estar próximos, como a reportagem. (SOUSA, 2001, p.292)

Fugir da tradicional reportagem traz maior proximidade com diferentes leitores, acostumados a conhecer os assuntos através do contar formal das histórias. Não devo obrigatoriamente definir esse trabalho como livro-reportagem, não é preciso. Vamos esquecer então os nomes formais e deixar o livro por si só se fazer entendido, através apenas das crônicas, materializadas em forma de cartas. A crônica permite que o amor seja enunciado de uma forma mais criativa e dinâmica. Isso não faz com que perca sua validade. Porque o amor está aí, basta sair nas ruas e conhecê-lo. E o propósito é esse mesmo, de conhecer os amores diversos e muitas vezes mal vistos, de uma forma mais atrativa.

Jorge de Sá (2008) ao falar da crônica vai deixar claro que até as reportagens, quando escritas por um jornalista mais intenso, irão explorar a função poética da linguagem. Mesmo sem a densidade do conto, a crônica tem a liberdade do cronista, que pode transmitir uma aparência maior de superficialidade para enunciar o seu tema, como se fosse “por acaso”. Mas Jorge de Sá diz que esse acaso não funciona numa construção de um texto literário “(...) (e a crônica também é literatura), pois o artista que deseje cumprir sua função primordial de antena do seu povo, (...), terá que explorar as potencialidades da língua (...) descortinando para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo.” (p.10). Então, a crônica moldada de uma forma mais atrativa poderá ser mais próxima de diferentes leitores e, será capaz de transmitir essas histórias, captadas através de uma observação da realidade.

A minha escolha pela crônica surge do meu desejo de aproximação com diferentes leitores e da minha tentativa de enviar uma mensagem mais íntima e profunda, ao escolher um formato diferente para os meus textos. Eu assumo a minha voz e cada uma das histórias contadas no livro parte de uma visão de mundo particular, representando o amor como o enxergo no dia a dia. E é algo assim que Marcelo Coelho vai dizer em seu texto, no livro *Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra*, quando tenta mostrar que a crônica não possui o objetivo de pedir por uma resposta, mas sim de fixar um ponto de individual. E eu procuro me colocar nos textos, colocar o meu olhar em cada linha. “(...) a crônica é um texto de ficção, mas pode ser de não-ficção, é lírico, mas pode ser também puramente humorístico, é em prosa, mas pode ser em verso também (muitos poemas do Drummond e do Bandeira,

publicados em jornal, são rigorosamente crônicas)”. (COELHO, 2005, p. 157). No mesmo livro, Rogério Menezes também vai fazer uma abordagem sobre a crônica, destacando que assim como no jornalismo e no romance, o que a inspira é a realidade, “a vida como ela é”. E a minha intenção ao escolher as crônicas é ir além daquilo que o jornalismo factual já faz. Seria como uma extensão, mais rica em detalhes e cuidados. “A crônica, (...), também se apropria da realidade do cotidiano, como o jornalismo factual, mas procura ir além e mostrar o que está por trás das aparências, o que o senso comum não vê (ou não quer ver)”. (MENEZES, 2005, p. 165).

Por fim, a utilização das crônicas é a forma escolhida para abordar um tema amplo e de certa forma delicado, porque passa por inúmeros prejulgamentos e intolerâncias. O cuidado de abordar um tema complexo para cada olhar e ao mesmo tempo necessário, mas sem apelar para as respostas e entendimento direto. O desejo é expor uma posição de mundo, sem moldar opiniões, mas com uma recatada ambição de se fazer compreendida. É o meu posicionamento, abordado por meio de um gênero rico, prolongado do jornalismo, sem se perder da visão da realidade e seguindo fiel a uma visão ampla, mas particular.

3.2. O olhar cronista

Em *A vida ao rés-do-chão*, Antonio Candido fala da proximidade da crônica, do papel do cronista em enunciar o cotidiano através de uma linguagem mais próxima do natural. Ele fala do simples, do comunicar direto do “rés-do-chão”, e a crônica pega o pequeno e mostra a grandeza que existe nas coisas. Procura estabelecer ou restabelecer “a dimensão das coisas e das pessoas”, acompanhada das pequenas particularidades, em uma linguagem mais simples, mas elaborada, e às vezes com a poética envolvida. E tudo vai se desdobrar a partir do olhar do cronista e das suas escolhas linguísticas.

A minha escolha pela crônica parte da ideia de uma forma simplista e particular de contar as histórias. O olhar do cronista, ou no caso o meu olhar, sobre os acontecimentos envolvem a percepção particular de determinados assuntos e de detalhes que mais despertam a atenção. Cada escolha de palavra ou expressão surge de uma observação íntima e busca expor aquilo que captei do cotidiano. O tema (o amor), que é amplo e cheio das suas particularidades, influencia em muito a forma como trazer para o papel cada ação e cada

trajeto. O surgimento da poética na linguagem aparece por vezes como consequência de um olhar ou observação mais sensível. E as falas e as composições dos personagens também se moldam a partir de uma escolha pessoal depois de toda uma reflexão sobre o que contar no papel.

As crônicas, trazidas em formas de cartas, mostram o íntimo e tenta ser ainda mais próxima do leitor. Quem as lê vai entrar de uma forma ainda mais próxima do personagem e das ações que vem a acontecer. Isso tudo permite que o meu olhar e a minha observação sejam contados de uma forma mais natural e palpável (dentro das possibilidades). A carta, com suas especificidades e urgências, transmite o que eu desejo contar, sem perder a sua naturalidade. Tento, através de cada escolha de linguagem, mostrar a simplicidade e delicadeza do tema.

Optei pelo uso da terceira pessoa com aspecto de segunda, com a licença poética de uso da segunda pessoa na expressão “eu te amo”.

4. AS PRÁTICAS DE AMOR

4.1. As cartas

Por muito tempo as cartas impressas eram o principal meio de comunicação entre as pessoas, seja para trocar confidências, fazer convites e até cobranças. Com o surgimento de novas tecnologias, a carta perdeu sua força. O encanto continua, mas a diversidade de possibilidade comunicativa carrega em si outro tipo de encanto, a velocidade. A sociedade passou a cobrar agilidade e rapidez nas trocas de informações e serviços. Cartas de cobranças e pagamentos podem ser adquiridas por meio da internet, em sites de empresas prestadoras de serviços ou pelo e-mail. Trocas de confidências podem ser feitas através das diversas redes sociais ou pelo telefone. A carta ganhou concorrência, mas não perdeu a relevância, porque foi muito tempo cumprindo o seu papel de comunicar. E cumpriu com singelo encanto. Por entender a sua importância, principalmente quando falamos de cartas de amor, que escolhi

escrever as crônicas em formas de cartas. Ela permite intimidade e aproximação com o personagem. Traz o de mais urgente que aquele amante/amado tem por enunciar.

Como em diversos meios de comunicação, a carta traz o outro para perto. Aproxima quem está ausente. Existem meios que fazem isso de forma mais rápida e intensa, por exemplo, as chamadas de vídeo. Um dos encantos da carta sempre foi esse, de aproximar. Mas é uma aproximação cercada de expectativa, quando há a espera pela resposta. E nas cartas de amor não é diferente. Cada linha, cada palavra, é um enlace com o amante/amado. “A carta é a presença de uma ausência. A carta, tradicionalmente (funcionalmente), é vista apenas como uma forma de comunicação. Mas, ela pode comunicar uma falta, uma distância. Em princípio, o destinatário não está presente; a carta é, assim, a reiteração de um afastamento.” (NEVES, 1988, p.191, apud TIN, 2009, p. 268).

E no aproximar mesmo na “demora”, a carta enuncia todas as ânsias e expectativas de quem aguardam pela resposta, que pode não chegar. Ela traduz sentimentos e mostra o trabalho duro de quem assume a escolha por enunciar sua voz em um papel. A distância parece diminuir quando o destinatário recebe o papel enviado pelo remetente e trata de buscar motivações para trocar de lugar com quem envia. E o tempo trata de fazer parte da rotina de quem escolhe se corresponder por uma carta, porque ele é variável para enviar ou não uma resposta.

E nas crônicas, traduzidas em forma de cartas no meu livro, há um recorte temporal, pensado especificamente para trazer uma aproximação entre cada história. As “crônicartas”, como eu chamo esses textos, buscam fazer uma ponte entre o meu olhar do mundo até cada sentimento expressado finalmente nas histórias. A crônica, com toda sua liberdade de mostrar uma visão de um assunto específico, junto com a carta, que tem a liberdade de falar tudo e muito mais, por ser intimista, trabalham para falar de amor e formas de amar de um jeito mais sensível e próximo do leitor.

4.2. Amante e amado

Os personagens apresentados no livro representam os amantes e também os amados, uma vez que eles se correspondem e deixa em evidência o seu amor, independente da intensidade. No caso da carta 21, que não tem resposta, a personagem assume o papel de amante e implicitamente assume o seu papel de amada, ao se lembrar de como foi amada pelo

seu amado. “Quando eu penso nesses momentos ruins, penso em como você cuidava de mim e dizia que eu não devia me importar, porque sabia que o nosso amor era mais forte do que tudo.” (Carta 21, p. 75).

O cuidado e a garantia de melhoria, de que tudo vai ficar bem, fazem parte de vários enunciados por parte do amante, se mostrando mais positivo e motivador. Na carta 13, por exemplo, o Leandro dá força para o seu amado, Victor, e intensifica a sua vontade de ver a relação deles livre de tristezas. “Mas também sei que você deve ser mais forte. Não deixe de acreditar que tudo vai melhorar. Eu tenho certeza que vai.” (Carta 13, p. 48).

Os personagens também são dotados de dúvidas, impaciências, anseios e até arrependimentos. Mesmo com toda a positividade e desejo de felicidade, as relações passam por declínios e momentos ruins, porque se trata de seres humanos que erram. Na carta 9, o amante Lucas procura sua amada Bia para tentar reconciliar. Ele cita a história dos dois e descreve seus sentimentos, tentando expor porque errou. Ainda questiona sua amada, esperando urgentemente por uma resposta. “O seu “não” acabou comigo. Eu sei que talvez não te mereça, mas já melhorei bastante e se tem uma coisa que você não pode negar é o quanto eu te amo.” (Carta 9, p. 38). Bia responde e deixa claro qual foi o erro do seu amado (porque ela ainda o ama, mas está confusa) e qual seria a motivação do “não”. “Eu disse não, mas iria pensar... Só que você nem falou da traição na carta. Isso é um grande erro. (...) Eu te amo, mas preciso de mais tempo.” (Carta 19, p. 67).

Mesmo “sofrendo” o amante e o amado esperam, com pouca paciência, mas com entusiasmo e esperança. No auge do amor e da intimidade entre um casal, a espera se torna menos dolorosa com a promessa de amor mútuo. E quando o reencontro acontece, o amor irradia. Na carta 5, a amante Cecília espera ansiosa pelo seu amado. Ela fala da história deles, do seu amor, das dificuldades e do que espera. “Daqui a duas semanas você vem me ver. Que delícia! Te amo!” (Carta 5, p. 24). E com o amado, Klebber, que também é amante, não é diferente. “Estou cheio de saudades. Ela é tão grande que a minha vontade é pegar o carro e ir agora te ver. Carro não, avião. (...) Não sei como conseguimos viver nessa distância por dois anos.” (Carta 15, p. 53).

E tem muito mais sentimentos envolvidos em cada uma das histórias. Os medos, as fraquezas, a fé, a urgência. Os amantes e amados mostram através de suas histórias cada parte do seu íntimo sentimento, tingido da mais pura esperança de ser recíproco e verdadeiro. “Te amo! Obrigada por todos os anos que estive ao meu lado. Que isso dure por muitos anos mais.” (Carta 20, p. 70).

4.3. Os amores

A principal essência do livro é contar histórias de amor romântico. Mas essas histórias também se cercam de outros amores. E esses amores dão força, como o amor a Deus; dá apoio, como o amor à família e aos amigos; ou ainda causam desconforto, quando o amor romântico vem acompanhado de barreiras impostas pela própria família.

O amor a Deus se apóia na fé dos amantes na bondade de Deus. Eles acreditam no Seu amor, evidenciam sua crença e esperam serem abençoados com uma aprovação divina sobre suas relações. Podemos enxergar esse amor e crença em mais de uma carta. “Cada gesto, cada palavra, cada carinho, só aumentou o meu amor. E você não desistir foi a prova de que Deus existe e já tinha preparado o nosso encontro. Por isso sou grata a Ele e a você.” (Carta 2, p. 16).

O amor a família e aos amigos, auxiliam os encontros, dão amparo para os momentos difíceis e aumentam a força dos amantes que esperam por seus amados. “Hoje mesmo também conversei com meus pais e disse o quanto você tem estado triste. Não é novidade, mas eles gostam muito de você e sugeriram que deviam conversar com os seus pais.” (Carta 13, p. 48). Ainda aparecem as dificuldades, mesmo havendo um forte amor à família e aos amigos. Os amantes amam seus familiares e amigos, apesar de qualquer barreira imposta por eles. “Sua mãe não viu a intenção da minha mãe. Eu tentei falar, mas vi o rosto da sua mãe e não quis dar corda pra qualquer coisa ruim que a minha mãe poderia querer transparecer.” (Carta 6, p. 27).

E ainda surge o amor próprio, enunciado, por exemplo, na carta 17, quando a personagem Júlia aceita quem ela é e relata o seu desejo de mudança. “Você me fez acreditar em mim mesma, me mostrou o quanto eu sou bonita. Me mostrou que para amar alguém também devemos nos amar, devemos nos aceitar e passar segurança para quem nos ama.” (Carta 17, p.60).

O amor romântico não anda sozinho, ele está cercado de outros amores, que impulsionam e algumas vezes até limitam. Mas são amores lindos e fortes, que preenchem o coração e a mente dos amantes, refletindo carinho na vida de cada amado.

5. O LIVRO

5.1. Organização

Pensando na estrutura e montagem dos textos dentro do livro, decidi por organizá-lo em partes. São três partes, além da apresentação. Primeiramente trago uma crônica/carta, onde assumo a voz, endereçada diretamente ao leitor, fazendo uma apresentação e preparando o leitor para o restante do livro. Na primeira parte há dez cartas, endereçadas para dez pessoas diferentes. Na segunda parte há outras dez cartas, que são as respostas das cartas da primeira parte. E na última e terceira parte há apenas uma carta, endereçada a alguém que não pode responder.

A escolha por organizar através de partes, respostas e a sem resposta, parte da ideia de criar um diálogo com a ideia de um amor atendido (não necessariamente correspondido). É a dinâmica do enviar, aguardar e ansiar pela resposta. É o receber, entender e responder. Tudo isso para trazer o amor e as histórias através meio das cartas.

Capa e contracapa trabalham pensando na ideia de envelope; tudo girando em torno das cartas. A capa seria o espaço ao remetente e é onde trago o título do livro e o meu nome (eu envio a carta). Como não há um destinatário específico, a contracapa assume uma liberdade maior, por isso trago um poema meu escrito especialmente pensando numa ideia minha de amor.

5.2. Diagramação e Arte

No início era apenas a ideia da cor. Parti da cor azul, uma escolha bastante pessoal (a minha cor preferida), porque entendi que deveria ser um livro que trouxesse histórias, amor e um pouco mais de mim. Pensando um pouco mais na cor, decidi fazer composições entre o azul e o rosa (mais uma escolha bastante pessoal). Por isso, o livro vai ser trabalhado desde a capa até a contracapa com composições entre o azul e o rosa, além do branco e preto.

As páginas com as cartas são bem limpas e com poucos elementos ilustrativos, o que mantêm um padrão e não cria nenhuma escala de importância entre os textos. Para dar uma ideia de anexar um arquivo, escolho ilustrações de notas adesivas coloridas com números, que marcam o início de cada nova carta e diferenciam uma das outras.

Ainda pensando nas ilustrações, faço o uso de pequenos elementos que complementam a arte. O uso de corações coloridos e variados resgata um dos principais elementos utilizados para ilustrar e representar o amor. Há uma ilustração de um coração vermelho específico que se repete em todas as cartas. Foi utilizado para fazer a marcação da primeira página de cada carta. As borboletas, presentes nas páginas que marcam as diferentes partes, trazem um pouco mais de beleza para o livro, mantendo a leveza das páginas.

Quanto às fontes, elas foram pensadas na mesma ideia das páginas leves das cartas, que mantêm um padrão. Na crônica de apresentação escolhi uma fonte que lembra a letra de uma pessoa. Utilizo a mesma fonte na nota final e na dedicatória, que seriam textos diretamente da minha voz.

E por último, há duas páginas coloridas pautadas. As incorporo no livro, continuando a ideia de carta e troca de mensagens. Seria a minha sugestão de “escreva a sua própria carta” para quem adquire o livro.

5.3. Conteúdo

O título “O trajeto dos amores” já diz um pouco do que o restante do livro pretende trazer. Cada amor enunciado nas histórias segue o seu caminho, trilha o enredo do viver o sentimento. Seguir o amor é ter que ir atrás e às vezes esperar. Porque um trajeto não é sempre em linha reta e sem obstáculos. Cada trajeto segue seu curso, em diferentes velocidades e caminhos.

Cada história um amor, com suas diversidades e semelhanças. Amantes e amados assumem suas posições e enunciam seu amor, mas trazem junto tudo aquilo que acompanha a relação, o externo e interno. Traz o mundo, suas aspirações, esperanças, tristezas, alegrias, questionamentos, momentos. Há a necessidade do encontro, da confirmação do amor. As cartas traduzem desejos, e mostram o que há além daquilo escrito, como um desenredo. E essas histórias seguem visões de mundo, de amores e amantes, com seus defeitos e qualidades.

Podemos ainda enxergar diversas entrelinhas, que contam e deixam em suspense o que vem depois, o que esperar. Entrelinhas de dúvidas enunciam as incertezas, mesmo quando há palavras de certezas. Amor é amor, mas ele não anda sozinho e não é perfeito. Assim, os personagens mostram com emoção o seu amor, mas não deixam de transparecer os trajetos

complexos e variáveis. Os atos de amar e se deslocar para seguir um trajeto são duros, e fica evidenciado em cada desejo e esperança.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de conhecer um pouco da teoria do amor, por meio de alguns estudiosos, e compreender que são várias as visões, passamos pela teoria da prática e própria prática enunciada nas histórias. Com isso, podemos observar que a dimensão do amor é imensurável. Conhecer a teoria é importante para facilitar a visão e o entendimento, mas não deve ser utilizada como delimitadora da prática. Como diz Erich Fromm, “amar é uma arte”, assim como viver. E colocar limites e barreiras no modo como amamos é cortar as asas da beleza de amar. A simplicidade desse sentimento perde o brilho quando colocamos qualquer questionamento. Questionar-nos e tentar entender é normal, mas a partir do momento que essa dúvida nos impede de viver, transforma o amor, e não é para o bem. Assim como também não devemos tentar comparar os amores de outras pessoas e muito menos desvalorizá-los. Cada amante e cada amado sabe do seu amor. E assim deve ser. Amar por amar. E enxergar o amor do outro com amor. É difícil. Mas ainda é possível enxergar o amor alheio com respeito. E é isso que o trabalho buscou. Apresentar os amores, por meio dos amantes e dos amados, dando espaço para serem respeitados e talvez até compreendidos.

Ainda resgato uma frase de Nádía Ferreira, ao dizer que o amor “É muito mais”. Com esse trabalho destaco a importância de entender que tudo, principalmente o amor, pode ser muito mais daquilo que nos é mostrado inicialmente. Por trás de cada história de amor existem pessoas e mais pessoas, cada uma delas dotada de uma história particular e que os faz ser quem são, e com isso os fazem amar do jeito que amam. Cada um se conhece e sabe das suas qualidades, defeitos e dificuldades. Se eu consigo entender que ninguém é por completo igual ao outro, posso tentar entender que a forma como eu amo também vai sofrer variação.

Pensar esse produto, desde o tema até o método, é pensar o que eu poderia trazer de mim para o resultado final. Com o resultado vejo que os processos seguiram o seu trajeto até moldar um produto que conversa com muitas das minhas ideias de viver o amor. A criação de cada história não foi por acaso. O amor está aí no mundo, meus olhos o captaram e trouxe em

momentos diferentes cada sopro de vida para as palavras. Escolher falar de amor é escolher falar daquilo que mais me move, me inspira e até me deixa questionamentos. Se nós, seres humanos, tivéssemos a consciência de que amor é amor, a convivência em sociedade seria menos complicada. Amar por amar, amar simplesmente por sentir. Seria mais leve. Seria menos doloroso.

Todas as minhas palavras, desde a primeira carta (apresentação) até a última (sem resposta) foram se ordenando de acordo com o que eu sentia de mim e do mundo. É impossível trazer apenas o externo, quando o externo já me envolveu tanto. Em cada história há a minha urgência por falar de amor e tentar mostrá-lo com sensibilidade ao mundo. Cada “crônicarta” (apelido que eu dei para as crônicas estruturadas através das cartas) surgiu de um amor pelo amor, de um sentir por sentir. Com isso espero me fazer entendida que a diversidade com que vivemos e amamos é infinita, faz parte da natureza de ser um ser provido de sensibilidades e necessidades.

Então assumo a minha voz na voz de cada personagem amante. Uma voz que segue um trajeto complexo e variável, que deixa marcas e abre espaço para leituras das mais diversas, porque as entrelinhas são infinitas para cada leitor. Mas em todas as histórias busco manter um mesmo protagonista, o amor. Um protagonista rodeado por outros diversos sentimentos e momentos. Um protagonista que faz um caminho duro e incerto, porque todas as histórias são recortes de uma história maior e mais intensa. E o amor se faz assim, misterioso e atraente, feroz e atroz, injustiçado e intimado, lindo e infinito.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito – Pride and Prejudice**. 1ª ed. São Paulo: Editora Landmark, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, p. 89-99.

COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005, p. 155-162.

FERREIRA, Nádía P. **A teoria do amor na psicanálise**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2015.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem?** 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005, p. 163-171.

PLATÃO. **O Banquete**. 1ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2015.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC). Porto, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em 28 de junho 2016.

SPONVILLE, André Comte-. O amor. In: SPONVILLE, André Comte-. **Apresentação da filosofia**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 37-45.

TIN, Emerson. Arqueologia de um discurso amoroso: as cartas de amor de Monteiro Lobato. **Remate de Males** – Unicamp, v. 29, p. 259-269, n. 2 (2009). Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/872/1100>>. Acesso em 19 de junho de 2017.